

Como é a minha fé? Está parada nos conceitos e nas palavras, ou é verdadeiramente vivida, com a oração e as ações? Sei dialogar com o Senhor, insistir com Ele, ou contento-me em recitar uma fórmula bonita? Que Nossa Senhora nos torne disponíveis para o bem e concretos na fé.

Papa Francisco, *Angelus*, 20 de agosto de 2023



Boletim de Espiritualidade

1 SETEMBRO 2023
Ano X Nº 111



Agenda setembro 2023

- 1 **Ávila** (CITeS) – Inscrições abertas para o Master em Mística e Ciências Humanas [🔗](#)
- 1 a 3 **Fátima** (Domus Carmeli) – XXV RUMOS: Encontro para jovens [🔗](#)
- 4 **Fátima** (Santuário) – Recolecção – Eduardo Caseiro [🔗](#)
- 4 a 7 **Fátima** (C. Paulo VI) – 47.º Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica [🔗](#)
- 5 a 7 **Braga** (UCP) – 1.º Colóquio Internacional "Tempo e Emergência" [🔗](#)
- 11 a 19 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 14 a 17 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 15 a 17 **Braga** (Casa de Soutelo) – Psicologia positiva: Parte II [🔗](#)
- 17 a 23 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: "Forças e Virtudes para hoje" – P. Abílio Pina Ribeiro, CMF [🔗](#)
- 18 a 25 **Colares** (Praia Grande) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 18 a 20 **Braga** (UCP) – Congresso sobre a Educação e a Cultura de Paz [🔗](#)
- 21 a 24 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 21 a 24 **Colares** (Praia Grande) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 23 a 24 **Fátima** (Consolata) – Jornadas Missionárias [🔗](#)
- 24 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 30 **Online** – De Véspera com Santa Teresinha [🔗](#)

Agenda outubro 2023

- 2 **Fátima** (Santuário) – Recolecção – Nuno Santos [🔗](#)
- 3 **Porto** (C. Cultura Católica) – *A fé dos jovens: Ressonâncias e desafios da Jornada Mundial da Juventude* [🔗](#)
- 4 a 8 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 12 a 20 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 14 **Braga** (Carmo) – Encontros junto à Fonte – P. Carlos Vieira [🔗](#)
- 14 **Online** – De Véspera com Santa Teresa de Jesus [🔗](#)
- 15 a 21 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: "Forças e Virtudes para hoje" – P. Abílio Pina Ribeiro, CMF [🔗](#)
- 16 a 20 **Fátima** (Santuário) – Retiro – Fr. Luís Oliveira, OFM [🔗](#)
- 20 a 22 **Fátima** (Domus Carmeli) – XI Congresso de Espiritualidade: *A Espiritualidade no Feminino* [🔗](#)
- 20 a 22 **Ávila** (CITeS) – Primeiro Congresso do Circulo Ibero-americano Mestre Eckhart [🔗](#)
- 22 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [🔗](#)
- 26 a 29 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 28 **Ávila** (CITeS) – XIII Jornada da Cátedra de Edith Stein: *Sentido e sofrimento*. Antropologia, psicologia e espiritualidade [🔗](#)

Sentido e Sofrimento

Cátedra Edith Stein

XIII Jornada. Antropologia, psicologia e espiritualidade

Sábado, 28 de outubro 2023



O caminho dos monges – II

Armindo Vaz, OCD

Continuamos a percorrer 'O caminho dos monges', iniciado em Agosto. Nas margens de outro afluente do Douro, o Távora, num ambiente de solidão e silêncio, em comunhão com a paisagem agreste, levanta-se quase inacessível mais um mosteiro da Ordem de Cister, o de S. Pedro das Águias. Construído num local que só para uma vocação eremítica é convidativo, em 1205 já é referido nas actas da Ordem. Mas já existia no séc. XII: no fim do século ter-se-á filiado a S. João de Tarouca. Os condes portugalenses, D. Henrique e D. Teresa, concederam-lhe a carta de couto. Por causa do seu isolamento, logo em 1227 o abade de S. Pedro das Águias pediu para mudar de sítio a abadia de montanha. Mas só em finais do séc. XVI os cistercienses acabaram por fundar um mosteiro novo nas proximidades, em Tabuaço, Távora. Mesmo assim, numa relação peculiar com a orografia envolvente, abrindo vistas que suspendem a respiração, o mosteiro original tem um lugar de relevo no panorama do românico português, enquanto vestígio remanescente dos mosteiros que integraram a Ordem de Cister a partir do séc. XII.

Outra marca da presença dos monges de Cister na margem esquerda do Douro esteve em terreno da actual Quinta da Granja, na freguesia de Almendra. Foi o mosteiro de S. Maria de Aguiar, referenciado pela primeira vez em 1176, quando o rei Fernando II de Leão doou ao mosteiro a pesqueira situada na granja, altura em que uma primitiva comunidade de monges beneditinos aqui se instalou. Na década de 1170, a comunidade abraçou a Ordem de Cister e deu então início a outra construção, que hoje existe perto de Figueira de Castelo Rodrigo, uns 20 km a sul do Douro. Em 1785 o cronista dos cistercienses refere que o mosteiro ainda possuía esta quinta que bordeja os rios Aguiar e Douro.

Os monges, ao depararem com o rio Douro e com as encostas que de uma e da outra margem subiam escarpadas, tinham adquirido, por volta do ano 1132, uma quinta na margem esquerda do rio, em frente à Régua. Chamava-se «Casa dos Varais», há muito pertencente à família Girão Azeredo. Foi a primeira a produzir o famoso vinho do Porto, então chamado «vinho cheirante de Lamego». Os vinhedos das actuais inumeráveis quintas não deixam apagar as memórias da original. Terão os monges percebido que as águas do rio ocultam e mantêm as condições climáticas que possibilitam a produção do vinho generoso? A água contribuía para a festa do vinho, como na missa.

Vê-se bem que os monges, trabalhando e educando entre o tempo e o céu, entre o amor e a aventura, foram responsáveis pelo grande desenvolvimento da agricultura vitivinícola na região. O resultado do seu trabalho resistiu ao tempo e chegou até nós, ultrapassando a região e os séculos. Desde o riacho de partida até ao caudaloso rio de chegada, os monges, abrindo caminho pelo frondoso arvoredo verdejante, os olhos antes dos pés, deixaram palavras eternas escritas a cor de vinho sobre as fragas graníticas que não envelhecem e não se desgastam. Cultivando as terras de encosta e colhendo os seus frutos, cantaram os salmos de uma vida, calcorreando vales umbrosos e



Igreja de São Pedro das Águias
Fotógrafo: allaboutportugal.pt

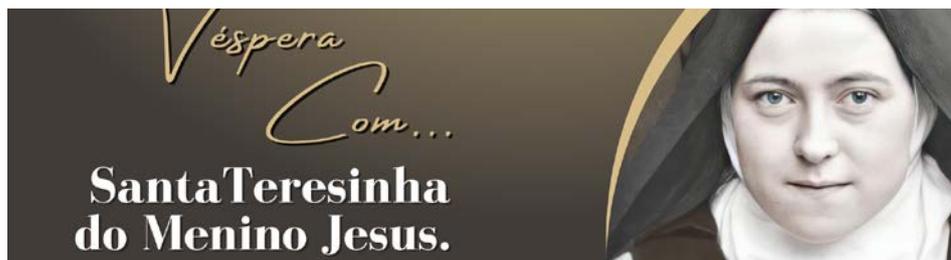
férteis colinas. Adensando as encruzilhadas da história, outorgaram conteúdo ao tempo, valorizaram a geografia e transformaram o sabor do vinho, em íntima ligação com o ambiente rural. A sua obra perpetuou-se, quase invisível mas reconhecível, como o delicado cálice de vinho generoso depois da vida e do espírito deixados na alegria de quem o saboreou.

Assim, o 'caminho dos monges', com as marcas da presença cisterciense, faculta-nos uma viagem espiritual no tempo, até ao princípio do longínquo séc. XII, puxando para o presente as memórias que fizeram destas terras espaço de conhecimento e chão sagrado. O percurso proporciona aos que procuram descanso do corpo e da alma o característico dos monges: culto do silêncio e do despojamento, ápices de oração e comunhão ecológica com a natureza. De facto, as muitas igrejas e mosteiros, alguns bem conservados, mantêm a ligação ao sagrado, fundo último em que a vida cobra sentido. Os monges, legando ao mundo a imagem única de uma região, plantaram um Douro que mereceu tornar-se, por atribuição da UNESCO, Património da Humanidade em 2001. Tecendo com a sua intelectualidade uma privilegiada rede de expressão cultural, estimulando a circulação e o desenvolvimento do saber, valorizaram a paisagem, a história e a geografia, a faustosa arte arquitectónica e as tradições que, correndo pelo rio Varosa, desaguaram no rio Douro. Se os caminhos dos homens estão feitos de cruces, cruzamentos e encruzilhadas, os monges fizeram-nos desaguar no rio Douro, nos seus horizontes rasgados, decorando as suas encostas com os vinhedos em socacos.

A revisitação deste património cultural e religioso é um antídoto contra a voragem da mudança como fim em si: se reaviva o sentimento de perda, que se teve com a aniquilação de uma herança valiosa e de espaços de oração e de conhecimento a partir da extinção das Ordens religiosas em 1834, também faz tomar consciência daquilo que deveria permanecer e ser protegido. O património é suporte da memória. Perdê-lo é perder referências históricas, mais-valia para a educação dos vindouros. Não podemos esquecer o passado, sob pena de ir perdendo as raízes.

De véspera com... Santa Teresa do Menino Jesus

30 de setembro às 21:30h



Para continuar a conhecer e celebrar as festas litúrgicas dos santos carmelitas e suas figuras de referência, como a Virgem Maria e São José, os Carmelitas Descalços irão apresentar uma comunicação, via *online*, às 21h30, na véspera da memória, festa ou solenidade do respetivo santo, assinalado pelo calendário litúrgico. Este tema alusivo a cada santo terá a duração de cerca de 50 a 60 minutos e será orientado por vários membros da família carmelita. Ao aproximar-se a celebração de Santa Teresa do Menino Jesus, padroeira das missões e doutora da Igreja, haverá no dia 30 de setembro, pelas 21h30, uma transmissão *online* com um momento formativo e espiritual. Será transmitido nas diferentes plataformas da Ordem dos Carmelitas em Portugal. [🔗](#)

Jornadas Nacionais de Catequistas

Fátima, 21 e 22 de outubro de 2023



Fátima acolhe, nos dias 21 e 22 de outubro, a edição deste ano das Jornadas Nacionais de Catequistas. Sob o tema "Olhar o novo Itinerário – Iniciação à vida cristã: os alicerces da fé" e tendo como referência bíblica «Estai vigilantes, permanecí firmes na fé, sede corajosos e fortes» (1Cor 16), a iniciativa, é promovida pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC) e faz parte do caminho de receção e divulgação do novo Itinerário para a Catequese, editado pela Conferência Episcopal Portuguesa em 2022. [🔗](#)

Encontros junto à Fonte

Braga, 14 de outubro de 2023



A comunidade dos Carmelitas Descalços neste ano pastoral de 2023\2024 propõe, a toda a comunidade de fiéis cristãos, uma iniciativa de meditação e aprofundamento da Palavra de Deus chamada *Encontros junto à Fonte*. Este título dá mote a estes momentos orantes. Este encontro foi de tal forma transformante que a Samaritana acaba por fazer-se anunciadora da Boa Nova de Jesus. Os Encontros junto à fonte são uma proposta de encontro com Jesus, em clima de oração, onde se procurará abrir as portas do coração a Cristo, para receber da própria Fonte a Água Viva, a única que pode matar a nossa sede de Infinito e de Amor. Estes encontros realizar-se-ão todos os meses, no segundo sábado, pelas às 15:00h na Sala Frei José do Espírito Santo (Igreja do Carmo). [🔗](#)

Deus de Surpresas

Gerard W. Hughes



Publicado pela primeira vez em 1985 e galardoado com o "Collins Biennial Religious Book Award" em 1987, "Deus de Surpresas" rapidamente se tornou reconhecido como um livro clássico de orientação espiritual. Ao longo dos anos, vendeu mais de duzentos e cinquenta mil exemplares, ajudando centenas de milhares de pessoas a descobrirem uma nova direção dentro de si próprias, que mudou as suas vidas.

Publicação: Apostolado da Oração [🔗](#)

cloustrô

Céu: aqui e agora. Dina Louro, formadora na área comportamental e coordenadora dos Grupos de Oração Teresiana (GOT), escreve sobre a vida, obra e espiritualidade de Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein). Entre desafios e interpelações, somos desafiados ao doce abandono da vontade de Deus; a darmos o primeiro passo no testemunho do amor. [🔗](#)

A Sabedoria da loucura de Deus.

A Irmã Sofia da Cruz, do Carmelo de Aveiro, prossegue a sua reflexão sobre a sabedoria da cruz para nos fazer refletir sobre a pergunta: *O que é que eu tenho para agradecer?* Pensando que a sua pergunta não tinha resposta, e que ninguém a escutava, levantou o olhar para o horizonte e deixou o pensamento perdido no absurdo que era agradecer a morte, enquanto à sua volta tudo era silêncio... «surgiu a Cruz e Jesus Crucificado nela. Era claro. Isto era o que eu tinha para agradecer: Jesus Crucificado na Cruz». [🔗](#)

Mais mãe do que rainha *

Frei Francisco Maria Braguês, OCD



Iniciamos o mês de agosto. A este mês associamos o Verão, o período de férias em destinos estivais e balneares.

Em agosto o Sol brilha de forma especial. E não será por acaso que é neste mês, mais precisamente a 15 de agosto, que celebramos a “mulher mais brilhante que o Sol”, a Virgem Santa Maria assunta ao Céu. Aproveitamos esta efeméride que a todos nos enche de alegria para nos aproximarmos, mais uma vez, de Santa Teresinha do Menino Jesus e descobriremos como esta santa contempla a Virgem Maria.

Teresinha já nos habitou à sua ternura e mansidão. Sabemos como a sua relação com Deus Pai e com Jesus é de filhinha que se sabe muito amada. Teresa do Menino Jesus, na sua relação filial, sente-se pequenina, do tamanho de um bebé que adormece sem medo nos braços de seu pai. Com Maria, também é assim.

Para a jovem carmelita, Maria «é mais mãe do que rainha». Apesar de haver sido coroada Rainha do Céu e da Terra, estar isenta de pecado original, Maria está sempre próxima dos seus filhos. Aliás, Teresinha não consegue imaginar a Mãe do Céu lá longe, distante de seus filhos, impossibilitando-os de a amar. Por isso conclui que Maria «teve muito menos sorte do que nós, porque não teve uma Santíssima Virgem para amar. É uma doce consolação a mais para nós, e a menos para ela!». É impressionante a profundidade que se esconde por estas palavras tão simples desta Doutora da Igreja! O privilégio de sermos filhos é uma consolação para nós! Penso que pensamos e meditamos pouco no coração a graça que é sermos filhos de Deus e de Maria. Saber, experimentar e saborear no íntimo do coração o dom da filiação: somos filhos profundamente amados.

No seu longo poema intitulado “Porque te amo, ó Maria” (Poesia 54), Teresinha apresenta-nos Nossa Senhora de uma forma muito simples e igualmente profunda. A jovem carmelita aproxima-se de Maria a partir dos relatos bíblicos. Santa Teresinha não baseia a sua relação com a Mãe a partir de pressupostos pessoais. Isto é muito importante. Quando lemos estes versos, respira-se a Escritura.

Teresinha era uma leitora assídua da Bíblia, apesar das limitações que havia no século XIX. Os místicos do Carmelo amam profundamente a Sagrada Escritura e nela se revêm. A relação com Jesus Cristo, Palavra incarnada, dá-se

sempre através da revelação. Da mesma forma, aprendemos com Teresinha que devemos contemplar Maria a partir das narrativas bíblicas.

Poderia alongar-me e meditar convosco as vinte e cinco estrofes que compõe este poema, mas o espaço não me permite. Por isso, aproveitarei para destacar alguns traços que me parecem mais interessantes e que nos podem ajudar a nós, que queremos amar cada vez mais a Virgem Maria.

O nome de Maria faz vibrar o coração desta sua filhinha porque a ama profundamente. Teresinha queria cantar para sempre “Maria, porque te amo”, junto dela, porque se sente verdadeiramente filha desta doce Mãe.

A jovem carmelita recomenda-nos que vivamos sempre na companhia de Maria. Com ela o estreito caminho do Céu tornou-se visível: «Junto de ti, Maria, gosto de permanecer pequena», porque Maria é a humilde serva do Senhor.

O amor que experimentamos de Maria é o mesmo amor de Jesus: «Amas-nos, Maria, como Jesus nos ama». É o amor do Céu, do Coração de Deus que se entenece com os seus filhos. Tal como Jesus quis ficar connosco para sempre, Maria está também para sempre connosco e em nós. Junto dela poderemos estar sempre. A sua presença, tal como a de Deus, é sempre certa, seja nas horas mais brilhantes ou nos momentos mais escuros das nossas vidas. Teresinha somente deseja «cantar nos teus joelhos, Maria, por que te amo / e repetir para sempre que sou tua filha!».

Façamos nossa esta exclamação de Teresinha e não nos cansemos de repetir que somos filhos de tão boa Mãe! Mesmo que nos dessem a possibilidade de trocar de papéis, jamais o faríamos. Como confessa Santa Teresinha, «ó Maria, se eu fosse a Rainha do Céu e vós fôsseis Teresa, eu queria ser Teresa para que vós fôsseis a Rainha do Céu!» (Oração 21).

Saboreemos este belíssimo poema assinado por Teresinha escutando-o na sua versão original em língua francesa (“Porquoi je t’aime, ô Marie”), cantado por carmelitas descalças francesas: <https://www.youtube.com/watch?v=GZDp7BY4UnA>.

* Publicado no jornal *Diário do Minho* de 2 agosto 2023

Crónica de uma pedra

Frei João Costa, OCD



1. Que até as pedras pularam, isso toda a gente viu. Que até elas se revelaram mansas e doces, di-lo quem, no último dia, suavemente repousou no chão do Campo da Graça.

Pedra agora eu seja como regaço manso.

Seja esta, pois, a legenda da minha participação na JMJ2023. Ainda que inteiramente velho não seja, já na outra ladeira me acho. E já não pulo, resvalo.

2. Havia pressa no ar, daquela que faz voar. E a voar chegaram, e por entre nós saltitaram os peregrinos das Jornadas, qualquer fosse o nome tomado: Francisco, Júnior, Callie, Ashia, Alexia, Taís, Bjorn, Adriel, Omar, Fayola, Ukiuk, Sasha, Maria...

3. Havia pressa no ar, e fora qual fora a montanha que urgisse passar-se – e todas elas por alguém algures são

de passar – passámo-las, porque só o amor impele e dá asas.

Havia pressa no ar e – está bem de ver – não poderia andar tudo, tudo, tudo a voar, tudo a pular, tudo a rolar, montanha acima, montanha abaixo. Alguém tinha de ficar em casa.

Havia pressa no ar e eu fiquei em casa, de olho atento nos apressados, que quem vive apressado come cru.

Alguém tinha de dar-se ao calor das panelas, pois, sabido é que, sem pressas, vizinho delas é o Senhor.

Havia pressa no ar, e escolhi ficar em casa – não seria Maria, Isabel seria: a que dá os braços às surpresas e ao inesperado.

Havia pressa no ar e, porém, madrugador, dei comigo a correr estrada abaixo.

Sem pressa, Isabel e Maria fui.

A POMBA DA PAZ

3. Junho, trinta e um. Fim de mês, véspera da abertura das JMJ2023. Antes da luz de Lisboa, os jovens Carmelitas Descalços sorveram o sol de Fátima, ao se concentrarem à volta dos braços da azinheira e sob o manto e o doce olhar da Mãe Mais Bela que o Sol. Vindos de três continentes, haveríamos de alcançar os duzentos e pico.

Ainda incoめçadas, a Esplanada do Santuário já revelava gente cansada: uns por acabarem de atravessar longos mares e continentes, outros por haverem palmilhado a pé o pó de dez duros dias, e ali estarem prontos para o que desse e viesse!

4. Acordei à hora do Papa – quatro e meia! Despertei num virar de cama, a meio de um sonho; um daqueles tão clarividentes como uma clara profecia. Descrevo-o no que lembro (sabido é que nos sonhos nunca vemos os rostos...): duas longas alas de sacerdotes revestidos de túnicas brancas encaminhavam-se rumo a um altar. A procissão não leva nem cruz, nem evangeliário, nem acólitos. Eu que a ela assisto vejo que os guia um menino (em verdade, não sei se é menino, que nunca inteiro o cheguei a ver; sei-o baixinho e por isso intuo que seja menino...). Reparo bem o que leva na mão: o desenho vibrante de uma branca pomba da paz; melhor: o desenho da pomba da paz de Picasso! Foi dos sonhos mais lindos que tive: a pomba da paz voava adiante de nós, e revirava sobre nós, nas mãos de um menino que passava pelo meio da imensa multidão!

5. Ao chegar a Fátima, e passando ali aquele dia, não vi muitos jovens, não, nem muitos sacerdotes! Mas vi o menino com o sorriso mais lindo do mundo visto e por ver. Chamava-se Pepe e devia ter a mesma idade que eu! Na sua cadeira de rodas Pepe era pequenino, baixinho e discreto, e tinha as mãos mais mansas e puras – as que melhor podem levar a voar o Espírito Santo que, garanto, voou por ali, das suas para as nossas, e pelo meio de nós, e em nossos corações se anichou.

BOLACHA MARIA

6. Congregados fomos no Centro Pastoral Paulo VI. Pela manhã achou-se ali um belo diálogo com o Padre Geral, Frei Miguel Maria Márquez que desafiou os jovens Descalços a viverem centrados no essencial – a amizade com Jesus –, no serviço à Igreja, como Santa Teresa e São João da Cruz, e atentos aos sinaizinhos pequeninos que a vida nos propõe mesmo quando em noite escura.

(É sabido ser na noite que melhor se apreciam os luzin-cus!)

7. Cabe aqui, por fim, e até convém, a história da Bolacha Maria. Tem a ver com a vocação do P. Miguel Maria, quem, na sua juventude entrou por acaso num locutório de Descalças – nunca vira ele mulheres tão felizes, confessa. Tão felizes eram que ele se autoimpôs indagar da fresca fonte de tal felicidade por querer ir lá dessedentar-se. E andou, e andou, e andou. Sem a achar. E que desertos não percorreu ele! Um dia refugiou-se no Mosteiro de São José das Batuecas, em silencioso retiro. E o que ali mais lhe custaram aqueles dias? Nada em especial, a não ser que em momento algum lhe deram a ele, menino de mamã, um docinho por pequenino que fosse: nem uma nata, um brigadeiro, ou um mísero húngaro. Nada. Ali, as refeições eram frugais, quase vegans e em silêncio, e pontuadas por uma longa leitura espiritual proposta por um monge da casa. Mas nunca nada de doces, nem ao pequeno almoço; cuja coisa mais doce que ali àquela hora provava era uma larga fatia de pão escuro que lhe achegavam num prato.

Mas eis que na manhã final ao abrir o seu guardanapo vê que lhe tinham deixado uma única bolacha Maria. A visão daquela bolacha revelou-se-lhe uma aparição tão fascinantemente surpreendente que ele, pronto, e sem freios, exultou de alegria:

– *Uma bolacha Maria! E só para mim?!*

Tinha encontrado a fonte.

UM ESTILHAÇO NEGRO

8. A parte da tarde foi ocupada em conhecer um pouquinho o recinto do Santuário, em dois workshops, e na Missa de encerramento. Num dos workshops houve um momento de reflexão proposto por um casal, sobre a história e o carisma dos carmelitas descalços; e outro em torno à figura da Venerável Irmã Lúcia de Jesus.

Coroámos o dia intenso com uma Missa de encerramento celebrada na Basílica do Rosário. A Basílica não encheu, nem com os que de fora a nós, entretanto, se nos ajuntaram. Mas estavam ali, conosco, Francisco e Jacinta, e a Irmã Lúcia. E os santos do Carmo e do Carmelo.

Presidiu o P. Miguel Maria que depois de convocar para junto de nós o coração dos restantes descalços do mundo inteiro, e a santidade de tantos que desde o céu diariamente nos assistem, nos disse coisas sábias; por exemplo:

i) *«Sigamos Maria! Difícilmente encontraremos à nossa volta uma mulher mais só e mais pobre! Reparai, porém: Foi o seu sim, o sim da mulher mais pobre e mais só que mudou a história do mundo! Em cada um de nós há um sim que pode mudar a história! Dizei sim a Deus, e eu vos garanto a presença humilde de Maria nas vossas vidas! E alegrai-Vos,*

porque o Espírito Santo descerá sobre vós! A Deus nada é impossível! Alegrai-vos, que o Espírito Santo virá sobre vós como um escapulário...».

ii) *«Deixemos que Maria ponha os seus olhos no nosso coração, para que nas nossas entranhas se forme a imagem de Jesus, e para que ele se abra a uma riqueza que ainda desconhecemos! Sigamos o exemplo dos Pastorinhos, que também disseram sim e depois provocaram um furacão de graça!»*

iii) *«Tenho uma certeza: Maria nunca nos abandona! Deus nunca nos abandona! Deixai-vos olhar por Maria! Deixai-vos cuidar por Maria! Atrevei-vos a transformar o sofrimento em esperança! Assumi com humildade e coragem o caminho de santidade!»*

Enfim, até aqui, aquela foi uma homilia normal, numa missa normal, ainda que tenha sido celebrada em Fátima e cantada por tantos jovens corações Descalços congregados de tantos lugares do mundo! Sim, seria tudo igual, tudo normal, mas no fim da Missa, o P. Miguel Maria, com o que nos disse e depois fez, encerrou o Encontro com chave de ouro, disse-nos: *«Trago no meu bolso, desde há uns dias [16 de julho], um estilhaço de uma bomba [russa]! Foi uma mãe ucraniana que mo deu, com o pedido de que rezasse pela paz. Hoje, no final desta nossa Eucaristia, em que nos sentimos unidos a rezar com todo o Carmelo da terra e com todo o Carmelo do céu, quero deixar este pedaço de bomba no túmulo de Lúcia, para lhe pedir que alcance a paz na Ucrânia! E é isto que eu agora lhe quero dizer: – “Irmã Lúcia! Sou o P. Miguel! O Geral da Ordem! Visto que na terra foi tão obediente aos Superiores, e agora que atingiu a perfeição o é ainda mais, eu lhe mando: Traga-nos, por favor, a paz do céu à terra».*

E em silêncio deixou aquele negro pedaço de bomba aos pés do seu túmulo de carmelita descalça.

E senti que toda a negrura do mundo se derramava aos pés da capa branca de Lúcia.

UMA BATINA NEGRA

9. Estas palavras que deixo foram as minhas pré-Jornadas, ainda que deva registar que durante os dias das dioceses por aqui viveram dois jovens rapazes brasileiros.

Mas o melhor estava para vir:

Depois que aquela imensa multidão tão difícil de contar se dispersou bateram-me à porta a pedir um altar. Era o P. Viego, sacerdote norte-americano. Vinha de grossa batina preta que jamais tirou, de chapéu clerical que só dispensava no de dentro da porta, e duas sacas plásticas na mão. Pediu um altar, e pensando eu que era só para uma missa, anuí. Depois pediu cama para oito dias e um prato ao lado dos nossos. Dei. Era da «linha tradicional», logo nos avisou como se preciso fora. Entrou, sentou-se e comeu do que lhe servimos, e quanto melhor o servíamos mais e melhor nos presenteava com doces figos. O oitavo dia chegou por fim, e com pena o vimos partir para Newark, para a universidade de que é capelão. Foi-se e ficamos órfãos como quando se perde um filho; e em mim, singela gratidão a Deus: tinha exercido de Isabel.

E agora que as memórias se vão indo, ando à procura da bolacha.



20 a 22 outubro 2023

Espiritualidade no feminino

XI Congresso de Espiritualidade

Organização

Institutos de inspiração carmelitana e teresiana

Ordem do Carmo | Ordem dos Carmelitas Descalços

Companhia de Santa Teresa | Carmelitas Missionárias

Instituição Teresiana